

# MARIATIDA: INTELIGÊNCIA TEATRAL NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE MEDICAMENTOS PARA CONTROLE DO PESO

Erika Campos da Silva

erika.epe.unifesp@gmail.com

## Área Temática: Saúde Coletiva

### RESUMO

**Introdução:** A desinformação digital sobre medicamentos para diabetes e perda de peso gera dúvidas e riscos na Atenção Primária à Saúde. Pacientes recorriam à Inteligência Artificial por medo de julgamento profissional. Para intervir, a enfermagem criou a peça lúdica “MARIATIDA” — proposta de “inteligência teatral” baseada na Educação Popular em Saúde. O objetivo foi relatar essa experiência de combate ao uso indiscriminado de injetáveis por meio do diálogo. **Metodologia:** Relato de experiência realizado em uma UBS (janeiro a agosto de 2026), somando 15 encontros e 201 participações (75% idosos). A dinâmica incluía 15 minutos de teatro com a personagem MARIATIDA, rodas de conversa e entrega de “canetinhas” artesanais com desinformações e fatos. Ajustes no percurso incluíram a mudança para espaço comunitário e a criação de álbum seriado nutricional para contornar a fila de 53 pacientes represados. **Resultados e Discussão:** A participação subiu de 7 para até 30 pessoas, com presença assídua do público. O ganho principal foi na autonomia comunicacional: usuários passaram a anotar dúvidas ou gravar áudios para consultas. O ambiente acolhedor reduziu o receio de julgamento, esclareceu efeitos adversos e motivou quatro desistências de compra de produtos duvidosos. A carência de nutricionistas foi amenizada com material sobre rotulagem de alimentos. **Conclusão:** A estratégia da “inteligência teatral” mostrou-se eficaz na educação em saúde, transformando dúvidas privadas em debate coletivo e promovendo autonomia frente à desinformação de injetáveis. Principais limitações envolveram espaço físico e déficit de atendimento nutricional na rede. Recomenda-se aprofundar a avaliação longitudinal do impacto do projeto no comportamento dos usuários.

**Palavras-chave:** Atenção primária à saúde; Desinformação; Educação em saúde.

## 1 INTRODUÇÃO

A circulação de informações sobre medicamentos utilizados no controle do peso e tratamento do diabetes, especialmente em meios digitais, amplia o acesso ao conhecimento, mas também favorece a disseminação de informações incompletas ou potencialmente perigosas. Na Atenção Primária à Saúde (APS), essa realidade manifesta-se em dúvidas sobre efeitos adversos, necessidade de acompanhamento profissional e aquisição de medicamentos por canais não autorizados.

Durante atividades educativas desenvolvidas pela equipe de enfermagem, observou-se que alguns usuários apresentavam dúvidas que não verbalizavam nas consultas e recorriam à Inteligência Artificial (IA) para esclarecê-las. Entre sete participantes que abordaram essa questão, destacaram-se as falas: “a IA não julga a gente quando fazemos perguntas sobre as

canetas, mas alguns médicos acham ruim” e “a IA mostrou que existem outras marcas, mas a Anvisa atrapalha”. As manifestações foram compreendidas como percepções dos usuários sobre suas experiências informacionais, não como validação das informações obtidas por IA.

Nesse contexto, foi criada a peça teatral “MARIATIDA”, neologismo formado por “MARIA”, nome comum entre muitas usuárias, e “TIDA”, terminação presente em princípios ativos de medicamentos utilizados no controle do peso e diabetes. A personagem passou a ser compreendida pela equipe como uma forma de “inteligência teatral”, entendida como recurso mediador entre informação, dúvida e diálogo. A proposta aproxima-se da Educação Popular em Saúde ao valorizar a problematização e a participação dos sujeitos (FREIRE, 2019).

O objetivo foi relatar a experiência de uma estratégia teatral e dialógica de educação em saúde voltada à problematização da desinformação relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos injetáveis para controle do peso e diabetes.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de relato de experiência desenvolvido no território de uma Unidade Básica de Saúde, iniciado em 05 de janeiro de 2026 e analisado até 10 de agosto de 2026. Foram realizados 15 encontros quinzenais, com 201 participações registradas. Aproximadamente 75% dos participantes tinham 60 anos ou mais.

A intervenção consistia em apresentação teatral de aproximadamente 15 minutos, seguida de roda de conversa. A personagem MARIATIDA era representada por integrante da equipe de enfermagem, caracterizada em azul-celeste. Para cada participante era distribuída uma “canetinha” confeccionada em papelão revestido de EVA, contendo uma desinformação sobre os medicamentos e uma informação destinada à sua problematização.

As atividades foram divulgadas por mídias sociais e visitas domiciliares. Os registros de frequência e as anotações da equipe sobre falas, dúvidas e impressões dos participantes foram organizados descritivamente, preservando sua identificação. Durante a experiência, foram realizadas adaptações conforme as necessidades observadas. A ausência inicial de cadeiras foi parcialmente solucionada, em fevereiro, mediante cessão de espaço comunitário. Diante da demanda reprimida por acompanhamento nutricional, com 53 pacientes aguardando consulta, a equipe elaborou álbum seriado com embalagens de produtos consumidos no território, abordando sal, gorduras e açúcares.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nas duas primeiras semanas, participaram sete usuários. Posteriormente, a média alcançou 20 participantes por encontro, com picos de 30. Destacou-se a presença continuada de 13 usuários nos 15 encontros, sugerindo apropriação progressiva do espaço educativo.

O principal resultado observado relacionou-se à comunicação. Alguns participantes passaram a formular perguntas que anteriormente não realizavam durante as consultas. Como estratégia construída nas rodas, alguns passaram a anotar suas dúvidas para levá-las aos atendimentos ou gravar áudios quando apresentavam dificuldade para escrever. Esse movimento sugere ampliação da autonomia comunicacional, uma vez que a intervenção favoreceu não apenas o acesso à informação, mas a organização e expressão das próprias dúvidas.

A relação entre usuários e IA constituiu outro achado relevante. Os sete relatos registrados evidenciaram que a ferramenta era utilizada, entre outros motivos, pela percepção de menor exposição ao julgamento. A fala “a IA não julga a gente...” evidencia uma dimensão relacional da busca de informação. Nesse contexto, a MARIATIDA foi compreendida como “inteligência teatral”: não como substituta da IA ou do conhecimento profissional, mas como recurso capaz de criar uma situação coletiva e menos intimidatória para a emergência da dúvida. A segunda fala, sobre a Anvisa, demonstra ainda que informações obtidas digitalmente podem produzir interpretações sobre regulação sanitária e disponibilidade de medicamentos, reforçando a importância de sua contextualização no cuidado.

As rodas também revelaram lacunas de conhecimento e expectativas sobre os medicamentos, expressas em falas como: “eu não sabia que tinha tantos efeitos desagradáveis”, “enjoa muito” e “se não vigiar, engorda tudo de novo”. Uma participante mencionou preocupação com aparência facial, registrada como percepção individual. Os relatos evidenciaram que as dúvidas envolviam efeitos adversos, manutenção do peso, aspectos estéticos e necessidade de acompanhamento.

No campo da tomada de decisão, quatro participantes relataram ter desistido da aquisição de produtos de procedência duvidosa após as discussões. Embora o relato não permita estabelecer causalidade, constitui evidência qualitativa de problematização de uma conduta anteriormente considerada.

A experiência também revelou limitações da rede. A demanda de 53 pacientes aguardando acompanhamento nutricional levou a equipe a desenvolver o álbum seriado com embalagens de produtos consumidos no território. O recurso foi utilizado como estratégia educativa complementar, não como substituição do acompanhamento nutricional individualizado.

Os resultados sugerem que a combinação entre teatro, ludicidade e diálogo favoreceu a participação e a expressão de dúvidas. A experiência indica que a educação em saúde pode ultrapassar a transmissão de informações ao criar condições para que usuários reconheçam suas dúvidas, questionem informações digitais e participem mais ativamente das decisões relacionadas ao próprio cuidado.

#### **4 CONCLUSÃO**

A experiência com a MARIATIDA demonstrou potencial como estratégia de educação em saúde para problematizar desinformações relacionadas ao uso de medicamentos para controle do peso e diabetes. O aumento da participação, a assiduidade de usuários, a formulação de perguntas anteriormente silenciadas, a adoção de estratégias para comunicação nas consultas e os relatos de desistência de aquisições de procedência duvidosa constituíram os principais resultados observados.

A expressão “inteligência teatral” sintetiza a função atribuída ao recurso: criar uma ponte entre a dúvida privada, muitas vezes direcionada à IA, e o diálogo presencial no cuidado. Como limitações, destacaram-se a inadequação inicial do espaço físico e a dificuldade de acesso ao acompanhamento nutricional. Recomenda-se ampliar a sistematização dos resultados e acompanhar longitudinalmente mudanças na autonomia comunicacional e na busca de informações em saúde.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO guideline on digital health interventions: recommendations on digital interventions for health system strengthening**. Geneva: World Health Organization, 2019.